

Concluindo, o sistema urbano do Noroeste é estruturado por um conjunto de nós e núcleos urbanos com diferentes morfologias e características funcionais, que não configuram uma hierarquia rígida mas sobretudo uma estrutura polinucleada reticular.

1.2. OCUPAÇÃO DO SOLO

1.2.1. POVOAMENTO

Afirma-se vulgarmente que o povoamento do Noroeste é disperso, fragmentado, descontínuo e de baixa densidade. Uma análise cuidada mostra, contudo, uma realidade mais diversa e complexa. O povoamento é compacto nuns sítios e disperso noutros, e a densidade é muito variável³. Este sistema de povoamento tem raízes históricas, tendo evoluído de uma estrutura dispersa de vários aglomerados para uma estrutura polimorfa e complexa, com diferentes densidades e compacidades muito variadas.

O povoamento do Noroeste esteve nas últimas décadas em franca mutação, fruto de intensos processos de urbanização. Os ritmos foram diferenciados no tempo – crescimentos moderados no período entre 1950 e 1980 e mais acentuados entre 1980 e 2010 – e no território – o Porto, centro da aglomeração, cresceu sobretudo no período 1950-1980 e os concelhos envolventes aumentaram com mais intensidade recentemente.

Neste processo de urbanização é possível identificar um crescimento urbano por extensão-agregação, onde a expansão urbana se desenvolve a partir do núcleo central (Porto) e dos núcleos tradicionais da região metropolitana (Braga, Aveiro, Guimarães, Santo Tirso, Vila Nova Famalicão, Barcelos, Penafiel-Paredes, Espinho, entre muitos outros). Esta expansão registou-se nas últimas décadas e continua a registar-se. Trata-se de um crescimento por contiguidade, um processo de extensão dos tecidos existentes e de sucessiva ocupação e colmatação dos vazios ou dos interstícios urbanos. O crescimento

3 Normalmente confunde-se com frequência os conceitos *compacidade* com *densidade*. Quando referimos *compacto* ou *disperso* estamos a sintetizar sobretudo as características da *estrutura espacial*, havendo baixa densidade em contextos compactos e dispersão sem ser de baixa densidade. A dispersão e a fragmentação refletem descontinuidades morfológicas, o que significa ausência de continuidade e de contiguidade do edificado.

entre os anos 1950–80 produziu-se sobretudo nos núcleos tradicionais e áreas envolventes e ao longo das infraestruturas viárias existentes (junto às estações ferroviárias e acompanhando as vias rodoviárias). Nas últimas décadas (depois de 1980), com os fortes investimentos realizados nas infraestruturas viárias, a cidade estende-se significativamente, de uma forma contínua e descontínua, privilegiando a acessibilidade individual baseada no uso do automóvel. O centro metropolitano, área mais densa e compacta, que tinha um raio de 4 km em 1950 e 4,5 km em 1975, passa para os 8 km em 2000 e estará agora nos 12 km. Num raio de 50 km toda a metrópole aumenta a área urbanizada e reforça a compactidade (a distância média entre os edifícios diminuiu e a área média dos fragmentos tende a aumentar).

Paralelamente, existe um crescimento urbano que segue formas de dispersão. É um modelo que se verifica desde as primeiras décadas do século XX, mas que se intensificou abruptamente nas últimas décadas. Surgem urbanizações autónomas relativamente aos tecidos urbanos existentes e predominantemente nas áreas de transição entre o urbano e o rural. Numa primeira fase apareceram preferencialmente junto às estações ferroviárias e associadas à habitação secundária (por exemplo, para norte entre Vila do Conde e Póvoa do Varzim e para sul entre Francelos e Granja). Numa segunda fase, a proliferação das infraestruturas viárias vai dinamizar estes processos intensamente, sobretudo ao longo das vias ou em torno dos nós de maior acessibilidade. Mais recentemente, a infraestruturização dos meios rurais veio desencadear a multiplicação destas dinâmicas e reforçar a dispersão.

Atualmente os espaços construídos estão mais compactos, com maior ou menor densidade. Refletindo os níveis de densidade (proporção de ocupação na superfície total) e as diferentes funcionalidades espaciais, no Noroeste podem visualizar-se texturas muito diferenciadas e descontínuas.

Em primeiro lugar, uma extensa coroa central que reúne os tecidos urbanos de maior densidade de ocupação à volta da cidade do Porto. Esta mancha tem uma estrutura funcional mista, com residência, equipamentos, comércio, indústria e serviços. Com características semelhantes, mas com menores extensões, emergem algumas manchas, sinalizando tecidos tradicionais de grande densidade de ocupação e usos (Braga, Aveiro, Guimarães, etc.). São os aglomerados urbanos, cujas características se revelam na continuidade das tramas, na sua densidade relativa e na mistura de usos (formas urbanas contíguas e compactas). Podem ser tecidos urbanos antigos ou novos mas com atividades que conferem centralidade.

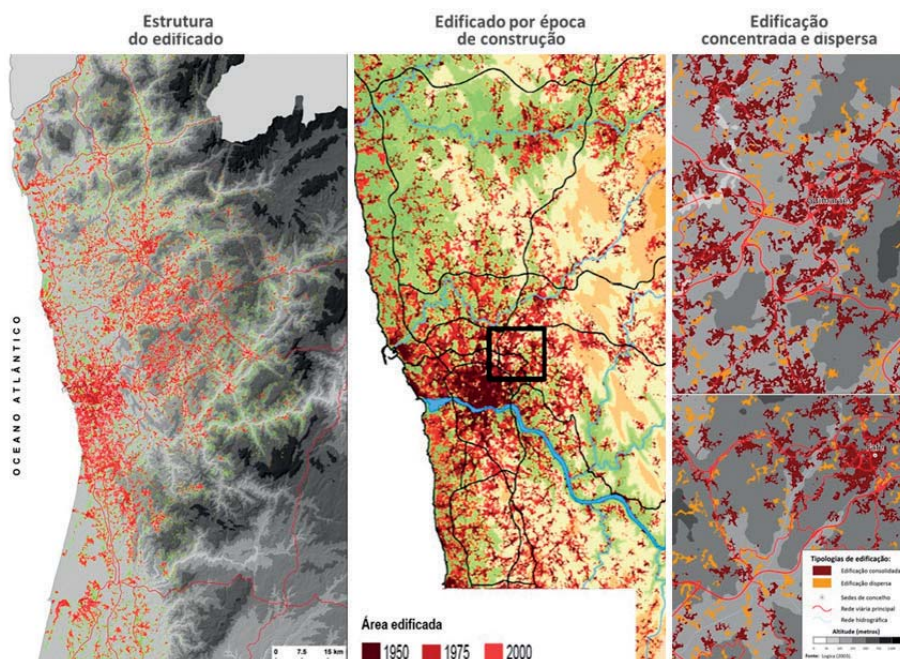


FIGURA 9 Indicadores de edificado
 Fonte: COS; INE.

Em segundo lugar, uma extensa coroa contínua, com densidades de ocupação variável, que reflete a dimensão dos fenómenos de extensão-agregação por todo o Noroeste português. Esta mancha evidencia uma mono-funcionalidade residencial, onde pontuam as indústrias, o comércio e os serviços. São extensões urbanas, fruto de processos de urbanização por extensão-agregação (“mancha de óleo”) desenvolvida ao longo dos eixos viários. Estes territórios estiveram sob a ação de intensos processos de urbanização e transformação nas últimas três décadas e apresentam níveis variáveis de ocupação. Muitas vezes, estas extensões exprimem uma formação linear ao longo das tradicionais estradas e caminhos ou seguem a rede fluvial ou os alinhamentos da orografia, originando contínuos edificados com uma estrutura linear. A sua evolução pode levar à fusão entre filamentos próximos, dando origem a sistemas mais ou menos reticulares. Os processos de crescimento por dispersão continuam a marcar os territórios já urbanizados, mas também a invadir o solo rural. No Noroeste proliferam pequenas tramas urbanas dispersas onde dominam as densidades baixas e os usos residenciais.

Por último, nas morfologias presentes é ainda possível observar a existência de “pedaços urbanos”, desagregados das formas urbanas anteriormente referidas, de cariz residencial mas podendo ter um uso industrial ou de comércio-serviços. São conglomerados de edifícios ou edifícios de grandes dimensões sem contiguidade com as formas urbanas descritas: loteamentos residenciais, plataformas logísticas, centros universitários ou edifícios comerciais e de serviços.

1.2.2. A TRANSFORMAÇÃO AGRÍCOLA NO NOROESTE

Um estudo recente⁴ identifica trinta e duas zonas agrícolas, cuja delimitação privilegiou as diferenças do ambiente biofísico e a diversidade das especializações produtivas agropecuárias e dos tipos de estrutura das explorações agrícolas (Figura 10).

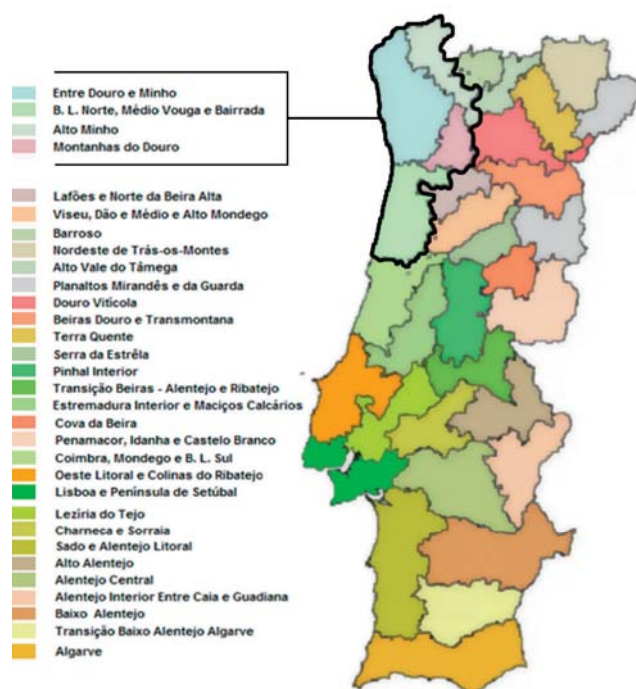


FIGURA 10
Regiões e sub-regiões agrícolas do continente

Fonte: Rolo e Cordovil (2013).

4 Rolo, Joaquim Cabral e Cordovil, Francisco (2013) – *Territórios Rurais do Continente Português – Imagens de Dinâmicas Recentes*, in AAVV (F. O. Baptista et al., coord.) – *O Rural. Dinâmicas e Políticas. Animar* (no prelo).